

Lições dos psicóticos III

“Uma bomba prestes a explodir”¹

Andréa Marcolan

É desta forma que Emerson se define diante do sargento que poucos minutos antes, havia se dirigido aos soldados no momento de revista da tropa dizendo que todos estavam um lixo. Emerson experimenta *“um calor de ódio no rosto”*, vai até a sala do sargento e lhe pergunta: *“senhor, o que acontece quando uma bomba explode?”*, diante do silêncio do sargento, ele mesmo responde: *“ela explode e destrói tudo!”*; o sargento confirma e então Emerson diz *“pois eu sou uma bomba prestes a explodir!”*. A conduta do oficial foi determinar a retirada do fuzil do soldado, chamar uma ambulância e mandá-lo ao posto médico. No dia seguinte, diante da tropa, o oficial ordenou que Emerson não voltaria a utilizar o fuzil durante um mês. *“Não houve nenhuma pergunta sobre o que aconteceu, porque eu estava prestes a explodir, simplesmente o afastamento”*.

Emerson procura o ambulatório em maio deste ano. Diz ter muita dificuldade de relacionamento, desconfiança em relação às pessoas, sente-se *“julgado por elas”*. É extremamente perfeccionista consigo mesmo e não tolera as imperfeições que enxerga nos outros. Seu pedido neste momento é de ser atendido por uma psicóloga. Há um intervalo entre o pedido e a marcação de uma primeira entrevista, o que é experimentado por ele como uma *“rejeição”* e *“falta de sensibilidade para perceber a gravidade de seu caso”*. Com certa hostilidade afirma que isso o impossibilita de continuar a vir porque *“seu psiquismo se fechou”*. Por outro lado, a justificativa em relação ao intervalo é tomada por ele como hipocrisia: *“não adianta você dizer isso agora, porque para mim você está sendo hipócrita”*.

Entre a rejeição e a hipocrisia, Emerson vai aos poucos se apresentando menos hostil, porém sua postura é impassível, com pouca tolerância a qualquer ruído no ambiente, até mesmo uma palavra ou uma pergunta. Nestes momentos, contrai o rosto, respira fundo, olha para o chão e fica longo período em silêncio. É invadido por uma excitação mental intensa, sente-se tomado por *“pensamentos que parecem não ter controle, ficam autônomos, se atropelam e interrompem o meu raciocínio”*. Chega a sentir no próprio corpo uma *“vibração”*, seu corpo treme.

Emerson fala sobre si como *“um indivíduo com cérebro superior”* e que consegue traçar o perfil do outro só ao olhá-lo. Afirma que consegue analisar, identificar e distinguir *“indivíduos com cérebro medíocre e indivíduos com cérebro superior”*. O olhar do outro o deixa extremamente ansioso, pois não sabe como está sendo julgado e, se este outro é alguém que ele julga ter um cérebro superior teme parecer *“estúpido”*. Diz ser também altamente capaz de dissimular, o que o faz da mesma forma capaz de reconhecer a dissimulação do outro, só faltando-lhe à

¹ Caso discutido no Cartel “A Angústia na Psicose” ligado ao Núcleo de Psicose e Saúde Mental. Participantes: Anamaria Lambert, Adriana Cerdeira, Andréa Marcolan, Kelly Siqueira, Suely Costa, Tatiana Mesquita e Maria Sílvia Hanna (mais-um).

capacidade de “ler os pensamentos que infelizmente não tenho”. Em poucas sessões, traça o meu perfil: “fria, cautelosa, cuidadosa”, porém o que lhe parece impossível suportar é a “indiferença”, pede que eu a dissimule e aparente “alguma compreensão e empatia”. Houve, até o momento, dois períodos de ausência seguidas nos atendimentos, que foram retomados após envio de aerograma.

Emerson está desempregado desde o mês de abril deste ano e já passou por vários empregos. Não tem dificuldade para ser contratado, porém, só consegue permanecer durante alguns meses e pede demissão. O motivo “é a intolerância em receber ordens de cérebros tão inferiores...”, ele próprio sente-se “inferior, subjogado”. Não fala sobre sua família, apenas menciona morar com a mãe e ter duas irmãs.

O ódio é um sentimento maciço que aparece tanto dirigido à humanidade em geral como de forma específica ao exército e à justiça. Há um certo contentamento com tragédias onde há muitas mortes, como no comentário que faz sobre o ataque do 11 de setembro: “fiquei maravilhado. Em frente à TV vendo aquela cena meus olhos brilhavam. Fiquei decepcionado quando o número oficial de mortos foi menos que cinco mil...”; ou na queda do avião da TAM: “enquanto o Brasil chora pela tragédia do avião, estou torcendo para que o número de mortos passe de 200”. De que se trata tamanho ódio? Emerson se pergunta se é um “monstro”, porém, também considera ter um lado “afetuoso” o que torna sua personalidade “dividida”. O exército, seu “grande inimigo”, é o alvo primordial de seu ódio e de quem precisa se vingar e para tanto, enumera algumas maneiras: “a primeira possibilidade é matar um general. Outra possibilidade seria matar o próprio juiz do processo, Dr. Valter, ou então, ir até a Vila Militar, na creche para os filhos dos militares, era só chegar lá e não preciso nem concluir, não é?”. A execução destas possibilidades é, para ele, perfeitamente plausível, pois enfatiza sua agudeza de percepção e inteligência como ferramentas capazes de fazê-lo conseguir realizar seus planos sem maiores problemas. Conta-me detalhadamente como conseguiu adquirir uma arma. Desistiu de comprar pelos meios legais diante da exigência de passar por uma avaliação psicológica, pois “não conseguiria dissimular diante de uma psicóloga, certamente ela iria descobrir meus propósitos”. No último trabalho que teve, aproximou-se de um colega que identificou ser um “cérebro medíocre” e “manipulável” e conseguiu que ele lhe vendesse uma arma.

Emerson se dedica a pesquisar os diagnósticos psiquiátricos, faz argumentações e explanações dos resultados que tem encontrado aplicando-os a si próprio e conclui que seu diagnóstico é de transtorno de personalidade paranóide. Enfatiza que os traços de sua doença já estavam presentes desde o exército, mas é naquele momento diante do sargento que algo se rompeu e sua doença evoluiu. A partir daí, há uma nova reconfiguração do mundo a sua volta, o exército torna-se seu grande inimigo e as pessoas passam a ser divididas entre as que possuem cérebros medíocres ou superiores. Emerson tem vinte e nove anos, sua entrada no exército foi aos dezoito e deserção três anos depois. Lembra-se de situações de isolamento no quartel e que os outros soldados o achavam “esquisito”. Era extremamente disciplinado e zeloso nas tarefas que recebia, cumprindo-as com perfeição. No momento da revista da tropa, quase sempre recebia pontos pela sua boa apresentação e cuidado com a farda. Estas pontuações eram dadas a partir de uma avaliação subjetiva do sargento e levadas em conta nas promoções e premiações, o que fazia com que Emerson tivesse uma expectativa de carreira

promissora. Até o momento em que se deu a *“ruptura”*: *“o problema não foi não ter me dado o ponto, isso era uma arbitrariedade dele, ele podia dar ou não, o problema foi ter me igualado a todos...”*. Desde então, Emerson começou a se sentir perseguido, com necessidade de fugir e dois meses depois desertou indo se refugiar na Alemanha. A decisão de ir para a Alemanha, foi tomada após sua consciência, como uma espécie de *“entidade”* lhe dizer: *“Emerson, imagina que você é um espião e tem que embarcar em uma semana para a Alemanha sem ninguém saber. Passei então, a me portar como se fosse...”*. Quando retornou ao Brasil, na condição de desertor, recebeu como punição uma prisão e em seguida, foi levado para uma avaliação psiquiátrica, com *“um psiquiatra amigo do sargento”* que diagnosticou *“stress pós-traumático e transtorno misto de ansiedade e depressão”*. Tal diagnóstico o colocou na condição de não portar nenhum direito em relação ao exército.

A saída que encontrou foi mover um processo contra o exército, que já dura oito anos, através da defensoria pública, no qual inicialmente pedia para ser reintegrado, porém, recentemente passou a pleitear o reconhecimento de que seu adoecimento se deu durante o período em que prestava serviços militares e que, portanto, tem direito a ser *“reformado por invalidez”*. Emerson acompanha o desdobramento do processo de forma ativa e participante, mandando cartas à defensora com as mais diversas argumentações. No início, a defensora respondia suas cartas dando explicações e pedindo paciência, porém após o envio de uma carta em março deste ano, onde Emerson anexou uma foto de sua arma com um alerta *“vou precisar fazer justiça com minhas próprias mãos?”*, ela parou de responder como fazia antes. Emerson esperava que a polícia fosse até sua casa com um mandado de busca e apreensão e se ocupou de esconder a arma. Acha os policiais são *“cérebros medíocres”* e não conseguiriam descobrir seu esconderijo. A resposta da defensora foi encaminhar uma petição ao juiz, que ele imagina ser a foto. Mais recentemente mandou outras duas cartas. Na primeira, argumenta ser portador de transtorno de personalidade paranóide, anexa um cartão de uma unidade de saúde com marcação de duas consultas psiquiátricas e uma receita médica. Na outra carta, enviou um *“tratado sobre transtorno de personalidade paranóide”*, elaborado após pesquisar a bibliografia psiquiátrica. Emerson entende que uma petição ser encaminhada para o juiz logo após o envio de uma carta é uma resposta da defensora, ainda que insatisfatória e parcial.

Emerson recorre a avaliações psiquiátricas nos mais diversos serviços, para fazer uma *“testagem”* em relação ao diagnóstico e tratamento proposto. Testa também se os psiquiatras sabem identificar quando o paciente não toma o remédio. Não toma as medicações prescritas porque não quer ficar *“abobado”*, *“dopado”* e perder o que mais valoriza em sua personalidade: *“a agilidade do pensamento, sensibilidade, perspicácia e agudeza mental...”*. Acha que as medicações o deixariam *“vulnerável”*. Em suas pesquisas leu que o paranóico é *“frio”*, *“um monstro”* e indignado afirma que os médicos e psicólogos *“talvez só entendam 40% do psiquismo do paranóico”*. Queixa-se de não haver respostas claras e objetivas e que se dependesse destes profissionais nunca saberia nada sobre o que acontece com ele. De fato, Emerson tem razão. Resta acompanhá-lo na construção singular do seu adoecimento, se esforçando para que se produza algum continente para tamanha invasão. É o que o ele indica quando certa vez, ao perguntá-lo se havia dito na avaliação psiquiátrica do exército as coisas que estava me dizendo, ele

responde: “*não, não tinha idéia de que já era paranóia porque só agora estou organizando logicamente minha história*”.

Discussão (com o público do curso lições da psicose)

Marcus André Vieira

A escuta

Nos reconhecemos entre nós como aqueles que valorizam a escuta. Podemos partir do seguinte mandamento, que pode ser depreendido, de nossas falas: “deve-se ouvir o sujeito”. Certo, mas o que é essa escuta? Deixemos claro: não é oferecer acolhida aos que não têm porto, ou calma e tempo aos aflitos. Tudo isso é fundamental, mas faz parte da humanidade mínima de qualquer relação interpessoal. Vale a seguinte historinha: um amigo meu foi contratado para ensinar psicologia médica. A primeira aula era “a relação médico paciente”. Ele disse o seguinte: uma boa relação médico-paciente se faz dando bom dia para quem chega, oferecendo-lhe uma cadeira para sentar, um sorriso e atenção, ou seja, é preciso ser bem educado. Isso porém, se seus pais não te deram em casa, não sou eu que vou dar agora”.

A questão então não é essa escuta. Ela é essencial, mas não é específica da psicanálise. Apenas se tornou quase um “diferencial” em tempos desumanos como os nossos. Quase torna-se uma técnica a mais quase definindo todo o campo das psicoterapias, excetuando as terapias cognitivo-comportamentais, em oposição aos cientistas dos laboratórios. Por incrível que pareça, a psicanálise também deve se excetuar daquelas terapias, pois tem sua especificidade em outro lugar que não apenas na oferta de humanidade.

Mas se não é esse, então, o específico de sua escuta, o que é? Neste caso, vemos como é possível chegar a alguma resposta se mudamos a questão. Em vez de quem escuta, em vez perguntar como vai a humanidade e o coração do terapeuta, deve-se perguntar de onde o sujeito será escutado. Quem está diante de nós nos coloca em que lugar? Isso é que orienta a nossa escuta. Ela nos dará a medida do que podemos fazer, unicamente a partir do lugar que nos é destinado por quem se endereça a nós.

Escutando o ódio do obsessivo e testemunhando o do paranóico

Submeter-se ao lugar que nos destina nosso sujeito é muito evidentemente neste caso essencial para que haja alguma coisa. E este lugar, que poderíamos chamar de lugar do Outro, ou o Outro do sujeito em questão, não é a gente que escolhe. Temos alguma margem de manobra, pois um sujeito não tem apenas um Outro, ou seu Outro não é nunca absolutamente rígido. Em casos como esse, porém, a margem é quase zero.

Que alguém só possa lidar com o Outro como objeto de perseguição, por exemplo, ou de ódio, fará parte de nossa escuta que, como se vê é “de dentro”. Apenas aceitando esse ódio ou, às vezes, amor excessivo, poderemos avaliar, escutar, o que é possível nisso. Nem sempre é o melhor lugar, mas às vezes é o lugar possível e às vezes, na falta de coisa melhor, serve. É o que faz Lacan dizer que a transferência positiva não é condição para o tratamento. De fato, Freud nunca disse que transferência tinha que ser “um bom vínculo” como costumamos dizer,

um vínculo amistoso. Afinal ela é paixão e como tal motor e obstáculo, amor e ódio. Apenas no neurótico, no obsessivo especialmente, tudo isso parece edulcorado. É apenas engodo. Se há alguém que vive com o ódio e a destruição é o meticoloso obsessivo, só que nem ele sabe disso. Será submetendo-se a este ódio, muitas vezes travestido em descaso, ou vontade patente de agradar, e buscando a margem de manobra nele, que poderemos conduzir a análise.

No caso da psicose, especialmente da paranóia, isso estará nada travestido e bem mais radical. A margem pode ser quase zero. Mas este “céu aberto” da psicose, por outro lado, nos engana menos. Desde que nos incluamos como for possível no que houver de possível em termos de enlace humano para aquele que recebemos.

Ao pé da letra

Tudo isso situa no bom lugar o que Lacan chama “ouvir o paciente ao pé da letra”. Afinal o que é ao pé da letra? Existe ainda, mesmo afastando o que seria uma escuta generalizadamente humana, mesmo após nos submetermos ao lugar que nos oferece o paciente, a idéia de que ouvi-lo seria descobrir o verdadeiro sentido disso que ele nos endereça. Como se quiséssemos ouvir o que realmente ele quer dizer. Isso nos leva a descrever do evidente e bancar o chato que sempre acha que há outra coisa mais profunda no que nos é dito. Então, quando ouvimos “eu quero tomar banho”, ouvi-lo seria decidir se ele quer mesmo tomar banho ou se dizendo isso ele quererá dizer outra coisa.

Esse não é o problema, contentar-se com o que nos é dito seria cair, como diz Lacan, no mundo dos advogados americanos, que consideram que se alguém tiver dito “não” em alto e bom som, de preferência com testemunha, ao menos uma vez, a seu chefe pode processá-lo por assédio sexual, mesmo se tudo em sua atitude dizia o contrário. A psicanálise se situa no oposto disso. A associação livre, por exemplo, é uma abertura a que novos significantes venham dizer Outra coisa para além do que se diz. O problema não é imaginar ou buscar essa Outra coisa. O problema é ser aquele que decide o que ela é. Distinguir entre o que vale no que ele diz e o que não vale é ficar no lugar de um juiz que só poderá decidir a partir de seus próprios preconceitos ocultos.

Isso é muito evidente neste caso. Quando ele diz “não suporto que você seja indiferente”, a gente acredita. Por outro lado, um ruído, um olhar, uma indicação, uma resposta, o coloca numa situação de angústia violenta, invadido por pensamentos autônomos, ele começa a ter os pensamentos se autonomizando. E isso é com um olhar, com um ruído, de certa maneira quase com qualquer manifestação da presença do Outro. Afinal ele quer que eu fique quieto ou que eu corresponda? Só conseguimos escolher com base em nossos preconceitos: e caímos irresistivelmente na crença de que o contato humano é o melhor. Então escolhemos a primeira opção, apenas reformulando: ele quer um contato, mas tem que ser em outro plano que não o da palavra. Nada mais enganoso, pois sabemos o quanto o afeto, o bom contato, etc, é exatamente o que pode virar de uma hora para outra na psicose.

Humanização

Além de não existir a tal significação prévia para os ditos, como vimos, o sujeito tampouco – esse é um ponto mais difícil ainda – terá com ele a significação

de seus ditos. Nada fácil se desfazer de mais esse preconceito: tratar o sujeito é tratar o que ele quer, é ouvi-lo no sentido de saber o que ele quer.

É preciso cuidado porque esse preconceito é “do bem”, vai no sentido do que a gente chamaria de humanização. Uma boa parte da humanização, além das reformas de hotelaria, passaria por dar voz aos que ali estão. Mas o que seria ouvir esses sujeitos? Não poderá ser dar tempo para saber o que eles querem, pois quem disse que eles em algum lugar profundo e ainda inacessível, sabem o que querem? Quem disse sabemos realmente o que queremos? Quem disse que, mesmo que ele não saiba, eu seja capaz saber? E quem disse que às vezes o que ele quer não pode mudar de um segundo pra outro? No mínimo isso fica claro na psicose: o querer íntimo deverá ser construído, na interação com o Outro.

Podemos imaginar uma assembléia de pacientes que reclamam das condições do serviço. A ata desta assembléia de pacientes não deixa de ser um registro de que se ouviu os sujeitos, mas como triar? Como dizer quando algum deles quer passar cocô nas paredes ou, mais *light*, trazer seu pregador para pregar no Caps, que isso não é uma fala de sujeito? Como separar as demandas aceitáveis das não aceitáveis sem nos vermos tomados pela sensação de que estamos ouvindo apenas o que podemos ou queremos ouvir?

Quando a gente atende a alguns pedidos simples, geralmente os mais evidentemente obrigatórios como comer com garfo e faca, ter direito de ir e vir, ainda mais quando eles eram completamente ignorados, a gente humaniza o serviço, e é bom que se faça. Mas não é a nossa posição do ao pé da letra. Ao pé da letra não é estar a escuta da significação verdadeira daquele sujeito.

Dito e dizer

Lacan afirma então “desistam de compreender”, desistam de buscar o sentido do dito e propõe que sejamos os secretários do alienado, ficando “ao pé da letra”. Isso me pareceu bastante evidente nesse caso. “Você tem que não ser indiferente para comigo” não significa necessariamente “eu quero que você seja acolhedor” e nem mesmo “você quer que eu não seja indiferente”. Tomar ao pé da letra significa “ele disse que não quer que eu seja indiferente”, só. Daí a dizer que é isso que ele quer dizer, há um salto que não vamos fazer. Se não preservarmos esse espaço, vamos hipostasiar sobre alguém uma vontade que não está necessariamente ali.

Então a proposta metodológica é que a gente funcione como secretário e tome os ditos do sujeito ao pé da letra, mas não como advogados. Precisamos distinguir tomar ao pé da letra de considerar o que ele diz como o sentido do que ele quer dizer. A diferença entre dito e dizer pode ajudar. Há um dito, mas que dizer corresponderá a esse dito? É preciso, no mínimo, ser capaz de manter algo desse dizer em aberto, sem considerar que podemos saber de antemão qual é.

A significação do dito estará na dependência de uma série de coisas. Diante desse sujeito não se pode ser indiferente, mas também não se pode fazer ruído. Entender que a fala dele é um apelo são Outro não pode ser entendida como um apelo para que o Outro se aproxime dele, tenha contato humano etc.

Não quer dizer que ele quer que nós não lhe sejamos indiferentes. Ele quer isso também, ou ele quer isso no meio de muita coisa. Ou talvez ele queira uma hora, talvez não. Inclusive porque aparecia no caso como era tensa a situação. Por um lado ele não quer que sejamos indiferentes, ok. Mas quando ele demonstra o

quanto lhe faz mal qualquer pergunta ou intervenção, o que fazer? Então como é que ele quer que eu não seja indiferente e ao mesmo tempo eu não posso nem me mexer que ele entra em desespero?

Espaço da transferência

O trabalho se deu entre esses dois, num espaço muito fino. E a gente fica com a sensação de precipício. Precipício porque, uma vez dado esse impasse da transferência – ou quase impasse, porque tem um desfiladeiro, mas é estreito – aí começa o trabalho. Porque a Andréa não caiu nem no ruído nem na indiferença, começa o trabalho.

Começa pelo seguinte tema: “Quero que você não me seja indiferente”, não tem necessariamente a significação do desejo de ser tratado como muito especial, mas ao mesmo tempo ele diz que “precisa se destacar da tropa”. Não vamos entender rápido demais que isso significa que ele quer um lugar de exceção, tal como a histórica. Ou, melhor, a exceção, para ele é outra coisa. Ele diz “não suporto” me fundir na tropa. Só que isso parece mais um modo de distinguir relações diferentes com o Outro, níveis, categorias, algo que faz do Outro alguém que não pode tudo já que pode muito para uns e menos para outros.

Com o trabalho andando aparece que essa é uma das maneiras dele resolver a invasão de um Outro “total”. Esse que aparece quando ele se funde na tropa, momento de desaparecimento subjetivo, que é o mesmo que ocorre em alguns momentos quando um ruído também dissolve o Outro e ele mesmo, ou a diferença entre eles.

Quando ele se sente assim invadido, a primeira saída é ficar tenso em silêncio, a segunda é “eu odeio”. Não vamos pensar o ódio como uma coisa primordial. O ódio já é uma espécie de solução: odeio, sou um monstro, quero matar, quero destruir, calculo quantas pessoas posso matar, e por aí vai com pensamentos os mais horrorosos que, porém, vêm sempre nomear um eu. É barra pesada, só que mais para nós, ou ao menos é menos pesado para ele do que estar completamente invadido, paralisado, desesperado.

É bem verdade que a passagem ao ato espreita. Quando ele diz: “estou pensando em comprar uma arma”, talvez ele faça algo violento, de fato ele é mais perigoso porque ganhou uma direção e um inimigo se comparado com o que era ele no momento da pura angústia da invasão. Então, no plano do ódio um pouco como solução, um primeiro limite, ele fala dele como bomba. Não vamos ficar otimistas ou tranquilos, mas “eu sou uma bomba prestes a explodir”, já é uma primeira construção.

A partir do espaço que consegue obter para o endereçamento vago dele Andréa, ele pôde fazer outra coisa. Entre o ruído e a indiferença aparece outra coisa. Uma *indiferença dissimulada* – a idéia de que ela é capaz de uma certa indiferença dissimulada, isso então, tomemos ao pé da letra, não significa que ele quer que ela dissimule a indiferença, é a própria nomeação de um espaço que agora é muito menos precipício.

Ela agora não precisa ficar no vai e vem entre bancar uma certa distância e indiferença e buscar o bom “acolhimento” que não o deixe em pânico ou no ódio. A prova é que uma outra construção agora se torna possível, que é dele como paranóide, como doente, e que parece bem menos perigosa e interessante.

Menos sentido, mais letra

Interessante não porque é uma construção de sentido para ele como doente. É bem verdade que com ela, se ele ainda é *monstro*, não é mais *bomba*. Agora é um monstro que está no mundo, que tem rótulo, que tem tratamento, que tem etc, etc, que pode entrar com um processo contra alguém. O transbordo inicial de gozo passa agora por questões legais, de reconhecimento e disputa regrada com o Outro. Isso é assinalado por Andréa como a *construção singular do seu adoecimento*.

O resultado é essencial, mas para nós o modo como ele foi obtido também. Como ele diz, não se trata apenas de trocar um sentido por outro, pois isso deixaria sempre presente a possibilidade do vetor se inverter e ele voltar a ser, de paranóide, bomba. O método é, segundo ele, o de *organizar logicamente sua história*, o que é muito mais montar uma trama que permite que haja um lugar pra ele. Organizar logicamente seria alguma coisa como uma montagem com fatos e termos, em que se constrói uma espécie de rede. Então, menos sentido, mais o que a gente chamou aqui de letra. E com isso ele consegue se destacar da tropa, ou tenta. Lembrando que se destacar da tropa é arrancar alguma coisa do Outro. Aquele outro que vai inundar o mundo com a sua violência. Ele pode inundar o mundo, mas agora nosso homem está um pouco acima da multidão. Parece uma coisa megalomaniaca, e é, mas mais estável e mais dentro do mundo de relações aceitáveis pelo Outro, afinal ele não está dizendo-se Jesus, mas paranóide.

O banquinho

Melhor pensar na frase e no termo de Lacan, que é banquinho. Tentem imaginar essa construção toda dele como um banquinho. É uma metáfora ótima. Ele construiu uma maneira de sobressair da multidão. Dessa forma, ele não será mais afogado, ou pelo menos não será o primeiro a morrer, quando vier o bombardeio nuclear dos pensamentos autônomos. Ao mesmo tempo, com isso ele pode descansar de vez em quando, já que agora nem todo ruído é uma crise.

Isso tudo dito, será preciso ter sempre em mente que o mundo não entenderá muito bem o espaço em que nos deslocamos, já que o mundo sempre funciona a partir dos sentidos compartilhados e não dos espaços singulares. Sempre voltará de todos os lados a questão: será que esse paciente não estava pedindo ajuda e você ficou aí bancando analista parálítico?

Se você tentar buscar o sentido da significação subjetiva, você acaba encontrar esse sentido compartilhado, um outro nome para nossos preconceitos. Quando ele diz “não me seja indiferente”, você vai encontrar “Por favor, me pare, por favor faça barulho, por favor vá alertar as autoridades”. Por que esse sentido para o sujeito e não outro? A gente tem mais é que ficar no espaço delimitado pelo “você é uma ignorante, você dissimula a sua indiferença, você não sabe nada sobre a minha doença”. Se dissermos “não eu sei sim, você é paranóide sim, e você vai passar ao ato, é muito preocupante, eu vou chamar as autoridades, você perdeu esse lugar.

Vale a pena arriscar? É uma boa pergunta. Talvez seja melhor alertar, mas se for pra alertar alguém, que não seja nesse estilo “olha eu vou alertar porque eu sei então o seu problema, eu conheço a sua significação”, eu vou alertar porque você está me dando medo. É uma maneira de fazer a ponte com o Outro que em você dorme sem sair tanto do lugar de um possível trabalho.